

“Economist” acusa Brasil de fomentar crise mundial

William Waack
Correspondente

Londres — Num dos comentários mais pessimistas surgidos nos últimos meses na imprensa internacional, o respeitado semanário inglês *The Economist* afirma em sua última edição que o vulcão da dívida externa dos países latino-americanos ameaça novamente explodir, situando o Brasil como um dos principais responsáveis.

“O perigo de uma reversão à economia autárquica parece maior no Brasil. O Presidente Sarney está dando menos ouvidos aos conselhos moderados do Ministro da Fazenda, Sr. Francisco Dornelles, e mais atenção ao “nonsense” populista do Ministro do Planejamento, João Sayad”, afirma a revista em editorial acompanhando sua matéria de capa sobre o assunto.

Foi o mais forte ataque sofrido pelo Governo da Nova República até agora na imprensa especializada europeia. O *Economist* considera inadequados os cortes nas despesas públicas anunciados pelo Governo brasileiro e prevê que o déficit público e a inflação continuarão altos até que subsídios para o petróleo e alimentos sejam reduzidos ao mínimo e os salários deixem superar a inflação.

A revista inglesa recomenda ao Governo brasileiro que adote idênticas medidas econômicas radicais como as anunciadas recentemente pela Argentina. Há algumas lições que os governos de países como o Brasil deveriam tirar da atual crise, e a primeira delas é que medidas diretas de austeridade (como cortes nas importações, caminho preferido para conseguir superávits comerciais) não podem substituir mudanças estruturais de grande alcance.

O *Economist* critica asperamente também os Governos dos Estados Unidos e dos países da Comunidade Econômica Européia. Motivados por cegueira e imediatismo econômico, esses países aumentaram nos últimos tempos suas barreiras protecionistas, prejudicando a recuperação econômica dos países endividados. *Economist* faz eco a líderes como Margaret Thatcher, exigindo que os países endividados estendam o tapete vermelho para os investidores estrangeiros, e não só para os fornecedores de créditos.

O FMI está cético em relação ao Brasil, diz a revista. “Os banqueiros internacionais estão se resignando diante de um prolongado período de incerteza quanto às finanças brasileiras”.

A revista acha que o Governo da Nova República pouco avançou na meta de resolver os difíceis problemas econômicos do país, apesar dos aumentos de arrecadação e cortes nas despesas anunciadas. Os cortes são considerados muito exígues pelo FMI e impedem a concretização de um acordo.

O *Economist* manifesta a suspeita de que os governantes brasileiros, sentindo-se amparados por reservas cambiais da ordem de 9,9 bilhões de dólares em fevereiro, estariam confiantes que o país poderia terminar o ano sem dinheiro novo do FMI ou dos bancos internacionais. Contudo, isto poderia ser muito arriscado.

“O acordo com os bancos para manter as linhas de crédito comercial e interbancárias expira no final de agosto. Se os banqueiros estrangeiros ficarem impacientes diante da falta de progresso nas conversações de renegociação da dívida, eles ainda poderão submeter o Brasil a um doloroso aperto em sua liquidez”, afirma a revista.

Referindo-se à totalidade do subcontinente, o *Economist* afirma que a “frágil democracia” latino-americana estaria gravemente ameaçada pelo descontentamento político que se segue à má administração econômica”.